



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES

CURSO DE PSICOLOGIA

**A RELAÇÃO COMO CAMINHO: *THE SON-RISE PROGRAM* NO
TRATAMENTO DO AUTISMO INFANTIL**

Sara Steiger França

Lajeado, junho de 2019

Sara Steiger França

**A RELAÇÃO COMO CAMINHO: *THE SON-RISE PROGRAM* NO
TRATAMENTO DO AUTISMO INFANTIL**

Artigo apresentado para o curso de Psicologia da
Universidade do Vale do Taquari, como requisito
parcial para a obtenção do título de Bacharela em
Psicologia.

Orientadora: Ms. Alice Grasiela Cardoso
Rezende Chaves

Lajeado, junho de 2019

**A RELAÇÃO COMO CAMINHO: *THE SON-RISE PROGRAM*
NO TRATAMENTO DO AUTISMO INFANTIL**

**THE RELATIONSHIP A AS PATH: THE SON-RISE PROGRAM IN THE
TREATMENT OF INFANTILE AUTISM**

**LA RELACIÓN COMO CAMINO: EL PROGRAMA *SON-RISE* EN EL
TRATAMIENTO DEL AUTISMO INFANTIL**

Sara Steiger França^{*}

Alice Grasiela Cardoso Rezende Chaves^{**}

^{*} Graduanda em Psicologia na Universidade do Vale do Taquari-Univates.

^{**} Mestrado em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do

RESUMO

O autismo infantil caracteriza-se como um Transtorno Global do Desenvolvimento em que o sujeito apresenta déficits na comunicação e em estabelecer contato afetivo e interpessoal, dificultando a interação social. Através do Programa *Son-Rise*, que visa além da mudança no comportamento do sujeito, a aceitação e a esperança frente ao diagnóstico, o sujeito é respeitado em sua singularidade e suas particularidades são valorizadas. Deste modo, o objetivo deste artigo foi conhecer como o Método *Son-Rise* vem sendo utilizado por pais de crianças autistas com seus filhos no Brasil e investigar qual a percepção dos mesmos sobre o método e os efeitos que percebem em suas crianças. Esta pesquisa constitui-se como uma abordagem qualitativa e a análise dos resultados buscou oferecer subsídios teóricos e técnicos a fim de potencializar as intervenções de profissionais, pais, cuidadores e familiares que atuam neste contexto, apresentando o Método *Son-Rise* como uma esperança, um caminho de intervenção.

Palavras-chave: Autismo; Método *Son-Rise*; Tratamento.

ABSTRACT

Infantile autism is characterized as a Global Developmental Disorder in which the subject presents deficits in communication and in establishing affective and interpersonal contact, hindering social interaction. Through the Son-Rise Program, which aims in addition to subject's change in the behavior, acceptance and hope facing the diagnosis, the subject is respected in its uniqueness and its particularities are valued. Thus, the objective of this article was to know how the Son-Rise method has been used by parents of autistic children with their children in Brazil and to investigate what are their perceptions about the method and the effects they perceive in their children. This research constitutes a qualitative approach and the analysis of the results sought to offer theoretical and technical subsidies in order to potentiate the interventions of professionals, parents, caregivers and family members who work in this context, presenting the Son-Rise method as a hope, a path of intervention.

Keywords: Autism; Son-Rise method; Treatment.

RESUMEN

El autismo infantil se caracteriza como un trastorno del desarrollo global en el que el sujeto presenta déficits en la comunicación y en el establecimiento de contacto afectivo e interpersonal, dificultando la interacción social. A través del programa Son-Rise, que aspira además del cambio en el comportamiento del sujeto, la aceptación y la esperanza ante el diagnóstico, el sujeto es respetado en su singularidad y sus particularidades son valoradas. Por lo tanto, el objetivo de este artículo era saber cómo el método Son-Rise ha sido utilizado por los padres de niños autistas con sus hijos en Brasil y para investigar cuáles son sus percepciones sobre el método y los efectos que perciben en sus hijos. Esta investigación constituye un enfoque cualitativo y el análisis de los resultados buscó ofrecer subsidios teóricos y técnicos con el fin de potenciar las intervenciones de profesionales, padres, cuidadores y familiares que trabajan en este contexto, presentando la Método Son-Rise como una esperanza, un camino de intervención.

Palabras claves: Autismo; Método *Son-Rise*; Tratamiento.

1 INTRODUÇÃO

O autismo é atualmente um transtorno com o qual cada vez mais pais e familiares, assim como profissionais da área da saúde e educação vem se deparando, porém poucos são os relatos de experiências de utilização de técnicas e métodos de intervenção veiculadas na literatura, o que dificulta um olhar mais compreensivo sobre o que é o transtorno e como agir frente a ele. Nessa direção, o Programa *Son-Rise* vem se destacando, com técnicas que acolhem o sujeito com autismo em seus comportamentos, e a partir destes, introduz mudanças, respeitando a singularidade de cada criança autista que apesar de estar dentro do mesmo espectro, constitui-se como um sujeito único. O programa *Son-Rise* oferece treinamentos específicos para profissionais e pais de crianças com autismo e também é utilizado como técnica na Psicologia, no contexto clínico em abordagem Cognitivo-Comportamental, mas, apesar de tão útil no manejo de comportamentos autistas, é de pouco conhecimento e utilização por parte dos profissionais que lidam com o transtorno. A partir disso, percebeu-se como relevante captar qual o olhar e a percepção dos pais que vivenciam e utilizam este método no cotidiano com seus filhos com autismo, procurando conhecer suas percepções sobre os efeitos positivos deste método, principalmente no que diz respeito à participação ativa destes no tratamento de seus filhos, assim como as dificuldades e obstáculos enfrentados.

Com isto, buscou-se conhecer relatos de experiências que instiguem profissionais das diversas áreas da saúde e educação, a considerarem e olharem para o Método *Son-Rise* como propiciador de avanços na autonomia e no tratamento dos sujeitos com autismo. Da mesma forma, buscou-se oferecer outros subsídios teóricos e técnicos no campo da Psicologia, a fim de qualificar as intervenções dos profissionais que atuam no cuidado às crianças autistas, seus pais e familiares, dando a estes perspectivas e motivação para crerem e investirem no

potencial de suas crianças, apresentando o Método *Son-Rise* como uma possibilidade, um caminho de intervenção.

Este artigo teve como objetivo, apresentar os resultados de uma pesquisa que objetivou conhecer como o método vem sendo utilizado, por pais de crianças autistas no Brasil e o olhar destes sobre os efeitos e desafios de escolher uma abordagem que traz concepções inovadoras para o tratamento do autismo infantil.

2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

O autismo é caracterizado como uma patologia do desenvolvimento, onde o sujeito apresenta déficits na comunicação e na interação social como: dificuldade de estabelecer uma conversa, pronunciar as palavras e também na comunicação não verbal, como conectar-se emocionalmente com os outros e em compreender relacionamentos. O transtorno pode ser observado através de comportamentos motores estereotipados como, por exemplo, balançar-se ou girar-se, também fazendo o uso de objetos, como alinhar brinquedos, insistindo nos mesmos padrões e rotina (Bosa, 2002).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Desordens Mentais - DSM-5 (APA, 2014), o autismo está enquadrado dentro do “Transtorno do Espectro Autista - TEA”, que abraça também o transtorno de Asperger ou Transtorno Global do Desenvolvimento. Como critérios para um possível diagnóstico, apresenta: déficits persistentes na comunicação verbal e não verbal em múltiplos contextos; dificuldade na troca socioemocional; desequilíbrio no contato visual e linguagem corporal; ausência de expressões faciais; dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar aos contextos sociais; falta de interesse em se aproximar de outras pessoas; compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afetos. Estes sintomas dificultam o funcionamento diário do sujeito e dos envolvidos.

Os sintomas ficam mais evidentes no decorrer do desenvolvimento do sujeito e por ser um transtorno amplamente subjetivo podem dificultar o diagnóstico. Os sintomas costumam ser percebidos a partir do segundo ano de vida, porém, já podem ser identificados a partir dos 12 meses de idade. As manifestações podem variar de acordo com a gravidade do quadro, do nível de desenvolvimento e da idade, por isso é usado o termo espectro.

Como já citado, o TEA é caracterizado por prejuízos em três áreas específicas, de acordo com o DSM IV (APA, 2014):

2.1 Déficits verbais e na comunicação social

A gravidade destes depende da idade, do nível intelectual e da capacidade linguística do sujeito, assim como outros fatores, como o tratamento e apoio prestados de forma precoce. Os déficits podem ser desde ausência total da fala, atrasos, compreensão diminuída, fala em eco, compreensão literal de termos, com dificuldades de simbolizações, entre outras especificações. Porém, mesmo quando o indivíduo apresenta fala organizada, o uso da mesma para a comunicação social está prejudicada.

2.1.1 Déficits na reciprocidade sócio emocional

Este prejuízo refere-se à capacidade de compartilhar ideias e sentimentos, de envolver-se emocionalmente com as pessoas, assim como a redução ou ausência da imitação de comportamentos. Quando há a linguagem, esta é usada para solicitar algo e não para compartilhar comentários, emoções ou manter uma conversa. Podem aparecer também dificuldades em manter conversas, não sabendo sobre o que podem ou não comentar, gerando bastante ansiedade, pois não possuem noções básicas de coisas que são socialmente intuitivas para a maioria das pessoas.

2.1.2 Déficits no comportamento e a estereotipia

Caracterizam-se pela redução ou ausência de expressões faciais, orientação corporal, entonação da fala, olhar nos olhos. Alguns sujeitos aprendem alguns gestos funcionais a fim de conquistarem um objeto ou desejo, como apontar o dedo para algo, trazer coisas, mas possuem dificuldade em olhar para o dedo indicador apontado de outra pessoa ou seguir um gesto. Podem aprender vários outros gestos para de certa forma se comunicarem, mas costumam fracassar quando se trata de realizar tarefas espontâneas e expressas para a comunicação. Deve-se sempre levar em conta a idade, gênero e cultura do indivíduo. Em crianças autistas, observa-se também a ausência ou reduzido uso da imaginação e de brincadeiras baseadas no “faz de conta”, elas costumam insistir em brincar com regras fixas. Já nos adultos, por exemplo, há a dificuldade em compreender quais comportamentos são adequados ou não socialmente.

O transtorno também é caracterizado por padrões e repetições de comportamentos e interesses, que são os comportamentos estereotipados. Os movimentos estereotipados podem incluir abanar, estalar os dedos, girar, balançar, entre outros movimentos que são usados repetidas vezes, como uma forma que o sujeito encontra de se organizar. Da mesma forma, estes prezam muito pela rotina e pela ordem, sendo que pequenas mudanças na rotina e organização diária podem ser extremamente frustrantes e causar grande sofrimento para o sujeito. Alguns apresentam uma forma de encantamento por algum objeto ou interesse, como por exemplo, um carrinho de brinquedo, que quando retirado do sujeito, o mesmo se desorganiza psiquicamente. Os encantamentos e rotinas podem estar vinculados a uma hipersensibilidade a estímulos sensoriais, como cheirar, sentir gostos, texturas, indiferença à dor, calor ou frio, encantamento por luzes, objetos giratórios, água, areia, terra, folhas das árvores e etc (APA, 2014).

Um dos primeiros autores a escrever sobre o autismo foi Leo Kanner (1943). Em seus relatos ele diz que crianças com autismo podem apresentar comprometimentos no comportamento, nas áreas da comunicação e na interação social. Além desses sintomas já mencionados por ele muito antes do DSM, relata que poderiam apresentar também hiperatividade, agitação, impulsividade, agressividade, entre outros (Mesquita & Campos, 2013).

Diante deste quadro, é necessário o entendimento de que não há cura para o autismo, mas sim tratamentos que podem diminuir os sintomas, proporcionando mais qualidade de vida e autonomia para o sujeito. Um desses tratamentos é o Método *Son-Rise*.

2.2 The son-rise program

O Programa “*Son-Rise*”, *The Son-Rise Program* (SRP), traduzido como a “ascensão do filho”, é um programa de tratamento desenvolvido nos Estados Unidos, por Barry e Samahria Kaufman, no início dos anos 1970, por se depararem com a situação de seu filho, diagnosticado com autismo severo e QI abaixo de 30, que foi simplesmente “abandonado” pelos especialistas que declararam ser em vão qualquer tentativa de tratamento (KAUFMAN, 2016).

O programa “*Son-Rise*” é centrado na criança ou adulto autista. Inicia-se com uma busca por um profundo conhecimento sobre o sujeito, como este interage, se comporta, se comunica e o que lhe desperta atenção, enfim, o que lhe é interessante. Busca-se de alguma forma adentrar o mundo da criança, criando uma ponte entre seu mundo e o dos que estão ao seu redor (Tolezani, 2010).

De acordo com Jenkins et al. (2012), o método surgiu com o objetivo de proporcionar um ambiente elaborado e uma terapêutica que buscasse conhecer e valorizar as

potencialidades e habilidades das crianças autistas, em que cada sujeito é entendido de forma integral, não olhando apenas para suas dificuldades e limitações.

Tolezani (2010) afirma que, grande parte deste tratamento é desenvolvido na própria casa da família com os pais, que podem contar com acompanhamento de profissionais e especialistas. De acordo com Ferreira (2011), os facilitadores e pais que escolhem o SRP fazem da interação e do vínculo social seu principal foco de atuação, reconhecendo que a dificuldade de estabelecer relacionamentos é o principal desafio de uma pessoa com autismo.

A meta é criar novas formas de comunicação e interação, é realmente entrar no mundo do sujeito, e isso pode acontecer através de um movimento de igualar-se, realizando os mesmos gestos, movimentos e brincadeiras que ele faz, para que assim se possa criar um vínculo e o indivíduo venha a se sentir à vontade para interagir com as pessoas ao seu redor.

A principal técnica, fundamental no método é o “juntar-se”. Neste contexto, juntar-se à criança em seus movimentos estereotipados é a primeira ação a ser desenvolvida no método que abre as portas para a criação de vínculo, colocando a estereotipia como caminho.

De acordo com Kaufman (2016), uma das justificativas para juntar-se à estereotipia ao invés de inibi-la, relaciona-se com a hipersensibilidade presente neste diagnóstico, já citada anteriormente. Os movimentos estereotipados são criados e utilizados pela criança como uma estratégia de lidar com os inúmeros desafios e angústias que se apresentam no mundo. A estereotipia permite à criança concentrar-se intensamente em algo para que possa abster-se do bombardeio sensorial que experimenta diariamente.

O método é conduzido pelos pais da criança, juntamente com o auxílio de facilitadores com formação em *Autism Treatment Center of America* (ATCA) ou por alguém credenciado por este local. O programa se passa na casa dos pais, num espaço chamado “quarto de brincar”, onde o ambiente é modificado de acordo com as características do programa,

minimizando as distrações e prevendo mudanças, a fim de haver uma organização própria para enfatizar a interação com a criança (Schmidt et al., 2015).

As estratégias de intervenção utilizadas no Programa visam orientar o adulto a desenvolver uma interação dual com a criança, seguindo os interesses da mesma, em vez de direcioná-la a uma atividade proposta, valorizando os comportamentos iniciados por ela, mesmo aqueles considerados socialmente “inadequados”, como por exemplo, as estereotípias. Com isto, busca-se atitudes que reflitam aceitação e não julgamento (Kaufman, 2016).

Nos momentos em que a criança apresenta respostas a estes comportamentos, cabe ao adulto propor a expansão das atividades conjuntas, visando promover o desenvolvimento das habilidades de comunicação e interação social (Williams, 2006).

É importante destacar que, no método, não é toda a estereotípia, ou movimento estereotipado realizado pela criança, que é repetido pelo adulto no “juntar-se”, apenas aqueles que a criança realiza sozinha, ou seja, comportamentos que excluam outras pessoas. Na presença destes comportamentos, repetitivos e exclusivos, segundo Kaufman (2016, p. 45), “nós nos juntamos sempre”.

Atualmente o Método *Son-Rise* vem sendo utilizado mundialmente, em mais de cem países através do Centro de Tratamento do Autismo da América (*Autism Treatment Center of America*). Como o método está baseado no amor, no cuidado e na necessidade existente de conectar-se com seus filhos, que mães e pais no mundo inteiro possuem, não são necessárias experiências, base cultural ou tipo específico de personalidade e habilidades para, enquanto pai/mãe, aplicar o método com seu filho, o único requisito é amar o seu filho e querer ajudá-lo (Kaufman, 2016).

Para o método *Son-Rise*, diferente da maioria das abordagens que se atentam a este tema, o autismo não é uma perturbação comportamental, mas sim uma perturbação sociorrelacional, que coloca os comportamentos como sintomas e não causas. Nesta

perspectiva, o principal desafio de uma criança com autismo é a dificuldade de criar e manter relações interpessoais, sendo todas as demais dificuldades que a criança enfrenta, decorrentes deste. O foco aqui não é pensar o que fazer para mudar comportamentos, mas sim o que fazer para criar um vínculo, um relacionamento com a criança. “A criança mostra-nos o caminho de entrada e depois nós mostramos-lhe o caminho de saída” (Kaufman, 2016, p. 33).

3 METODOLOGIA

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que foi realizada com base em uma abordagem qualitativa, que é direcionada pelo que vai ocorrendo no campo de pesquisa, ao longo de seu percurso. Além disso, não tem por objetivo enumerar ou medir eventos e na maioria das vezes não usa instrumentos estatísticos para analisar os dados. De acordo com Bogdan & Biklen (1994, p.13) “a pesquisa qualitativa envolve a detenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. Para tanto, a presente pesquisa foi realizada através da aplicação de um questionário, analisado conforme os objetivos propostos.

O questionário foi disponibilizado através de uma plataforma virtual a pais/mães de crianças autistas, que utilizam ou já utilizaram o Método *Son-Rise* com seus filhos. Inicialmente o questionário foi disparado em um grupo fechado em uma rede social. Posteriormente, os respondentes, sentiram-se motivados a sugerir o acesso ao questionário, a outros sujeitos que conheciam e que faziam parte dos critérios de inclusão.

No questionário, em sua apresentação inicial, foi explicitado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, e os sujeitos, que responderam o questionário, automaticamente aceitaram os termos estabelecidos.

A partir das informações levantadas através do questionário, foi utilizada a Análise de Conteúdo para analisar os dados obtidos. Esta análise é uma das técnicas de tratamento de dados em pesquisa qualitativa e está alicerçada na proposta de Laurence Bardin (Camara, 2013).

Segundo Bardin (2012), a análise de conteúdo consiste em analisar não só aquilo que está descrito, mas também o que este desperta em quem lê, ouve ou analisa, como também em quem fala ou escreve. Observa-se as pausas e reflexões, levando em conta tanto a objetividade como a subjetividade que ali se expressa. Neste sentido, cabe a quem analisa, além de entender o sentido da comunicação, de forma natural, desviar e ampliar o olhar, buscando outras e novas significações, outros recados e mensagens, que são possíveis de serem enxergados por meio ou ao lado das primeiras narrativas (Camara, 2013).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O questionário (Apêndice A) foi respondido por 9 mães de crianças autistas que utilizam ou utilizaram o Método *Son-Rise* com seus filhos, por apenas duas regiões do Brasil. Apesar do link ser disponibilizado no grupo fechado que possui participantes de todo o Brasil, os participantes citaram ser a maioria da Região Sudeste e os demais da Região Sul do país. O grupo possui 491 membros, porém foram obtidas apenas 9 respostas. Duas hipóteses podem ser pensadas diante deste contexto: a) O grupo, apesar de se dirigir a pais de crianças autistas que utilizam o *Son-Rise*, também conta a com a participação de profissionais da área da psicologia, educação e medicina, familiares, interessados no tema e estudiosos, sendo estes a maioria dos participantes; b) Ainda são poucos os pais que utilizam ou utilizaram o método no Brasil, visto a escassez de relatos e informações que abordem a eficácia e praticidade do mesmo. Através do processo de abordagem, também foi possível identificar que os nove participantes são mães de crianças autistas.

4.1 Sobre à percepção, conhecimento e motivação de mães que utilizam ou utilizaram o Método *Son-Rise*

Com relação ao conhecimento do método, a maioria dos participantes referiram que tiveram contato com o *Son-Rise* por meio da Internet, que lhes deu acesso a filmes como por exemplo, *Meu filho, meu Mundo* (1979), e livros, assim como textos que propagavam esta abordagem. Dois dos participantes referiram ter procurado cursos de treinamento para aplicação do método, oferecidos tanto nos EUA como no Brasil através de associações que trabalham com o objetivo de qualificar e potencializar as ações dos pais no cuidado com seus filhos autistas.

Através das respostas obtidas, notou-se que a utilização do Método *Son-Rise* possibilitou aos pais uma nova forma de ver a situação e o diagnóstico de seus filhos. Segundo os respondentes, o método os auxiliou a compreender e entender melhor a complexidade do autismo, gerando neles empoderamento diante das ações que podem ser realizadas em benefício de seus filhos.

Essa percepção pode ser notada conforme relatos a seguir:

“A metodologia nos dá outra visão sobre o TEA, muito mais positiva do que qualquer outra que conheci” (Sujeito 1).

“Porque esse método faz nós pais enxergarmos que somos nós que potencializamos tudo que a criança faz, terapias, etc. Passar um tempo brincando com a criança faz toda a diferença” (Sujeito 3).

Aspectos relacionados ao vínculo afetivo também foram destacados, quando abordada a motivação para utilização e escolha do método. A potencialização do vínculo afetivo é um dos principais objetivos do método quando se propõe a auxiliar nas questões sociorrelacionais. Este aspecto é significativo nas respostas, conforme relatos a seguir:

“Gerou uma ligação maior entre nós” (Sujeito 5)

“A gente criou um vínculo maior” (Sujeito 6)

“Aumentou o vínculo afetivo com a criança” (Sujeito 7)

Para o método, a porta de entrada para a criação do vínculo afetivo é o respeito pelo tempo e pelos interesses da criança, o que proporciona um real interesse por parte da criança para a interação. Desta forma, o *Son-Rise* “oferece uma abordagem educacional prática e abrangente para inspirar as crianças, adolescentes e adultos com autismo a participarem ativamente em interações divertidas, espontâneas e dinâmicas com os pais, outros adultos e crianças” (Tolezani, 2010, p. 8).

4.2 Sobre os benefícios do Método

“É uma abordagem respeitosa que espera o tempo da criança se conectar. Utiliza seus interesses na preparação das atividades, estabelece estágios de desenvolvimentos e metas claras, além de ser lúdica e totalmente responsiva não aplica manipulação física nem comandos diretivos”. (Sujeito 9)

Os benefícios foram citados com base na singularidade que o método se baseia. Desta forma, vão ao encontro do que afirma Kaufman (2016), quando cita os quatro fatores que fazem desta abordagem, um método único: 1) o *Son-Rise* foi criado por pais, longe de normas médicas e laboratoriais; 2) a crença de que as habilidades e capacidades de uma criança autista são ilimitadas; 3) a premissa de respeitar o mundo da criança, juntando-se a ele, ao invés de impor-lhe que esteja em conformidade com o nosso; 4) a motivação foi usada no lugar da repetição, como porta de entrada para a aprendizagem, juntamente com uma postura acolhedora, sem julgamentos. Acolher a estereotipia, tornando-a a porta de entrada para a recuperação e melhora, faz do método um modelo de intervenção acessível a qualquer pessoa, não sendo necessárias profissionalizações, apenas aspectos humanos, como a empatia e a persistência.

Os benefícios foram percebidos, de acordo com os respondentes, principalmente nas áreas da comunicação verbal e não verbal e na interação social, o que se observa nos seguintes relatos:

“Deixar de levar nossa mão no que quer, e apontar ou pedir. Aprender a falar pequenas palavras, concentração foi o ponto mais importante, pois aprendeu as cores através do método.” (Sujeito 4)

“Aumento de contato visual, compreensão de comandos, aumento da fala, regulação de processamento sensorial” (Sujeito 9)

“Relação pais e filho” (Sujeito 6)

“Ele passou interagir mais e ter um contato visual mais satisfatório.” (Sujeito 7)

“Ele era não verbal, com auto agressão, não interagia. Hoje em dia ele não bate mais a cabeça, fala frases completas, brinca com outras crianças.” (Sujeito 1)

Nos relatos apresentados, pode-se perceber que os benefícios citados referem-se principalmente à área sociorrelacional. Para o *Son-Rise*, esta é a questão primordial no Autismo. Todo o comportamento autista que a criança apresenta, para o Método *Son-Rise*, é um sintoma de uma perturbação sociorrelacional, portanto busca-se estabelecer vínculo, de uma forma que seja prazerosa. Em seu livro, Kaufman (2016), traz um exemplo que explica de forma simples esta concepção que o método tem do autismo:

Ao ver alguém coçando o braço e sua meta é a eliminação deste comportamento (coçar-se), existem várias abordagens que podem ser tentadas: pode-se dizer a esta pessoa para parar de se coçar, pode ameaçá-la com consequências desagradáveis se ela continuar a coçar-se, pode tentar distraí-la colocando-lhe alguma coisa de que ela goste na mão que está a usar para coçar-se, pode amarrar o seu braço junto ao corpo para que assim ela não consiga mais coçar-se... ou tentar realmente saber a razão pela qual ela se coça e aí, descobrir que, ao final, tem uma picada de mosquito ali mesmo, no local onde mais se coça. Então, pode-se colocar uma pomada ou um repelente contra a picada e acabar com o comichão (Kaufman, 2016, p. 30).

Esta analogia ilustra a diferença entre tentar acabar com os sintomas da criança e abordar o principal desafio desta. Pensando nisto, no Método *Son-Rise*, abordando esta área sociorrelacional, enfrenta-se também os demais desafios que a criança autista enfrenta.

De acordo com os pais que responderam à pesquisa, utilizar o método que primazia a relação, proporcionou melhoras no desenvolvimento da linguagem/comunicação e nos comportamentos estereotipados e agressivos, além de um aumento da iniciativa e do contato visual.

Os avanços percebidos nas áreas da linguagem/comunicação, nos comportamentos e no contato visual, vão ao encontro do que o método trabalha quando auxilia os pais a

trabalharemos em seus filhos os quatro fundamentos da socialização, que são: contato visual e comunicação não-verbal; comunicação verbal, período de atenção interativa e flexibilidade. Estas 4 áreas, de acordo com o programa, são as que requerem atenção, dedicação e concentração especiais, quando se tem interesse no desenvolvimento da criança autista.

Kaufman (2016) em seu livro *Vencendo o Autismo com o The Son-Rise Program*, apresenta estratégias para o desenvolvimento de cada um destes fatores.

É importante destacar aqui as idades das crianças no momento da utilização do Método *Son-Rise*. Sabe-se que no Autismo, as intervenções precoces costumam apresentar melhores resultados. Nesta pesquisa as idades no início da aplicação do *Son-Rise* variaram de 2 a 7 anos. De acordo com Ronski et al. (2015), crianças com Autismo submetidas a programas de intervenção, antes dos cinco anos, apresentam melhor prognóstico do que aquelas que recebem tratamento em momento posterior. Da mesma forma, é interessante pontuar que os benefícios citados foram conquistados em um prazo significativamente curto. Segundo a maioria dos respondentes, entre um a dois anos utilizando o método, os avanços já foram percebidos.

Um estudo, realizado por Sherman et al. (1987), citado por Kaufman (2016), destaca esta eficácia de intervenções domiciliares no tratamento do autismo. Este estudo avaliou a efetividade de programas comportamentais com crianças com autismo, comparando programas onde a pessoa reside em uma instituição, programas ambulatoriais e clínicos e programas domiciliares. A descoberta foi que apenas o grupo com intervenções domiciliares mostrou melhoras significativas nas medições de observação comportamental (Kaufman, 2016). Mais uma vez destaca-se o papel da família como protagonista no processo de cuidado.

4.3 Sobre as dificuldades encontradas na utilização do Método

Segundo os respondentes, as dificuldades encontradas se relacionaram a falta de informação e de apoio profissional. A maioria das mães que responderam o questionário citaram ter conhecido o método através da Internet, tendo porém poucas informações a respeito da sua prática. Outras citaram que além da falta de informações e apoio, foram encorajadas a não utilizar o método, pelo fato de serem elas as principais executoras deste. Isto pode ser relacionado à excessividade com que em casos graves, os pais são desresponsabilizados dos cuidados com seus filhos e os cientistas e profissionais assumem este papel. O Método *Son-Rise* destaca este papel fundamental dos pais, pois o próprio programa foi criado por estes.

De acordo com Schmidt e Bosa (2003), a família, mais especificamente aqueles que exercem a função materna e paterna, representa a primeira instituição de acesso da criança ao meio social, sendo portanto um importante espaço de socialização e constituição do sujeito. Logo, a criança depende destes, sendo eles seus provedores de cuidados básicos necessários à satisfação de suas necessidades. Diante disso, os pais exercem influência valiosa no desenvolvimento e crescimento da criança, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento psicossocial.

Um dos principais propósitos do Método, sendo criado por pais, longe de normas médicas e laboratoriais, foi tornar-se de fácil acesso e compreensão, não sendo necessárias especializações para utilizá-lo. Este propósito vai ao encontro dos relatos a seguir, quando citam não terem encontrado dificuldades:

“Não encontrei dificuldade, por isso apliquei de imediato.” (Sujeito 3).
“Nenhuma” (Sujeito 6)

4.4 Sobre a percepção dos pais com relação aos efeitos da participação destes na aplicabilidade do método de tratamento

“Sensacional!! Mudou nossa vida da água para vinho. Somos fãs da metodologia por ver o que aconteceu em nossa casa. A vida pré SR era quase insuportável. Eu não dormia, casamento se desmanchando por estresse mútuo. É de grande importância que os trabalhos científicos em relação ao Son-Rise que cite a filosofia, a metodologia, é uma mudança de vida, de hábitos, de crenças, de como mudar as crenças. E de como ter calma, tudo tem seu tempo... A metodologia mudou tudo em casa na vida dos meus filhos que hoje sorriem e brincam juntos. Existe casamento novamente e uma união familiar.” (Sujeito 8)

“Eu tenho um Filho antes e outro depois do programa. Os avanços são enormes!” (Sujeito 2)

Os relatos acima resumem a percepção dos pais participantes desta pesquisa. Os mesmos expressaram que o fortalecimento do relacionamento afetivo propiciado pelo Programa *Son-Rise* trouxe novas possibilidades de cuidado e esperança no tratamento do autismo infantil, o que também pode se observar nos relatos a seguir:

“A vida está mais leve, mais gostosa.” (Sujeito 2)

“Ele (método) mudou completamente nossa maneira de ver o autismo, entendendo que o lúdico auxilia de forma prazerosa... Agora ele (filho) é feliz e isso faz toda a diferença.” (Sujeito 9)

“Criamos um vínculo afetivo que existe até hoje. Uma relação de confiança.” (Sujeito 8)

Os efeitos também foram percebidos em questões relacionadas ao sono e a diminuição de crises:

“...ajudou também nas noites de sono e quase não tem crises.” (Sujeito 4)

Outro aspecto trazido pelos pais diz respeito a maneira como passaram a perceber as estereotipias. O entendimento de que a estereotipia constitui-se como porta de entrada para formação de vínculo, permite que o mesmo seja estabelecido. Quando se entende e acolhe a estereotipia, as demais transformações são possíveis. Segundo Kaufman (2016),

Você precisa primeiramente construir uma ponte para o mundo da sua criança. Só depois é que você vai pegar-lhe na mão e guiá-la de volta, atravessando a ponte para o seu mundo. É por isso que o *Son-Rise* Program é baseado no seguinte princípio: A criança mostra-nos o caminho de entrada, e depois nós mostramos-lhe o caminho de saída (Kaufman, 2016, p.33).

Essa nova maneira de lidar com as estereotipias, pode ser notada no seguinte relato:

“Aprendemos a celebrar mais e a entender que os flaps (estereotipias) não são comportamentos indesejáveis e sim auto regulação, que a brincadeira imitativa ajuda na compreensão dessa criança, no caso no meu filho, que o respeito e aguardo o momento certo para dar os comandos.” (Sujeito 9)

A frase “Aprendemos a celebrar mais”, vai ao encontro do que afirma Kaufman (2016, p. 287) sobre a utilização do Método. Segundo o autor, o *Son-Rise* defende “o uso de expressões animadas de valorização, apreciação e prazer em relação à criança. Isso aumenta seu nível de motivação”. A motivação neste contexto age como “motor de crescimento”, constituindo-se como fator de maior importância na aprendizagem da criança (Kaufman, 2016). Aqui, celebrar as conquistas e compreender os principais interesses na criança, atuam como elementos indispensáveis para o progresso da mesma.

Outro aspecto trazido pelos pais refere-se aos efeitos da utilização do método em sua rotina, referentes à organização e ao propiciar de momentos específicos para interagirem com seus filhos no quarto de brincar. Estes aspectos podem ser percebidos nos relatos a seguir:

“Nós colocamos horário específico para o tempo no quarto de brincar”. (Sujeito 4)
“Hoje todos os dias temos que tirar horas para interagir com meu filho, programar atividades de acordo com seu estágio de desenvolvimento.” (Sujeito 3)

Conforme Kaufman (2016, p. 301), no tratamento de crianças com autismo, a literatura atual apoia intervenções que enfatizem “um ambiente físico especialmente projetado, com um foco nos relacionamentos pessoais”. O quarto de brincar neste contexto propicia momentos de interação em um lugar projetado para que esta interação seja a protagonista.

Todos os relatos apresentados até então, podem ser relacionados a novas atitudes tomadas pelos pais, atitudes estas que vão desde uma nova compreensão do autismo, ao acolher das estereotipias, a organização de momentos específicos para interação com a criança, ao respeito diante do tempo e interesses da criança e ao abraçar de uma nova maneira de tratamento. Para o *Son-Rise*, as crianças respondem às atitudes. As atitudes agem de forma a impulsionar a criança ou a aproximar-se ou a distanciar-se.

Compreender o diagnóstico não como uma sentença mas como uma nova possibilidade, valorizar os comportamentos e interesses específicos de seus filhos, tornaram-se atitudes dos pais que proporcionaram conforto e segurança para seus filhos. Para Kaufman (2016), isto faz com que a criança responda mais, envolva-se mais, seja mais flexível, conectando-se ao invés de se esquivar. As atitudes frente ao diagnóstico superam a intervenção, ou melhor, agem e constituem-se como intervenção.

5 CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi conhecer a percepção de pais que utilizam/utilizaram o Método *Son-Rise* no Brasil, no cotidiano com seus filhos autistas. Por meio das respostas obtidas, foi possível observar a presença de significativo afeto em cada relato dos pais/mães participantes, sendo que 100% destes recomendam o método e percebem que a utilização deste trouxe efeitos positivos não só na vida de seus filhos, como também de todos os que o acompanham. Os benefícios foram percebidos nas três principais áreas de dificuldade do TEA, que dizem respeito principalmente ao relacionamento interpessoal.

Relatos abordando os benefícios relacionados à criação do vínculo afetivo foram significativos. Assim como os efeitos positivos percebidos no contexto familiar e na organização da rotina, priorizando momentos específicos de interação. Pode-se perceber que a utilização do método gerou nos pais empoderamento para colocarem-se como protagonistas junto com seus filhos nos processos de interação e tratamento.

O programa *Son-Rise*, oferece treinamentos específicos para profissionais e pais de crianças com autismo e também é utilizado como técnica na Psicologia, no contexto clínico em abordagem Cognitivo-Comportamental, mas, apesar de tão rico em sua filosofia ainda é de pouco conhecimento e utilização por parte dos profissionais que lidam com o transtorno.

Por este motivo, percebeu-se como relevante captar qual o olhar e a percepção dos pais que vivenciam e utilizam este método no cotidiano com seus filhos com autismo, abordando juntamente com eles os efeitos positivos deste método, principalmente no que diz respeito à participação ativa destes no tratamento de seus filhos, assim como as dificuldades e obstáculos enfrentados.

Com isto, buscou-se fornecer relatos de experiências que instiguem profissionais das diversas áreas da saúde e educação, a considerarem e olharem para o Método *Son-Rise* como propiciador de avanços na autonomia e no tratamento dos sujeitos com autismo. Da mesma forma, oferecer subsídios teóricos e técnicos no campo da Psicologia, a fim de qualificar as intervenções dos profissionais que atuam no cuidado às crianças autistas, seus pais e familiares, dando a estes perspectivas e motivação para crerem e investirem no potencial de suas crianças, apresentando o Método *Son-Rise* como uma esperança, um caminho de intervenção.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtorno 5 DSM-5*. Porto Alegre: Artmed.
- Bardin, L. (2012). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Biklen, S. K. & Bogdan, R. C. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto.
- Bosa, C. A. (2002). Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: C. Baptista & C. Bosa. (2002). *Autismo e educação: atuais desafios*. Porto Alegre: Artes Médicas (p. 22-39).
- Camara, R. H. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.*, 6(2), 179-191.
- Ferreira, I. (2011). *Uma criança com perturbação do espectro do autismo: um estudo de caso*. Tese de Mestrado, Pós-Graduação em Educação Especial, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco.
- Jenkins, T., Schuchard, J. & Thompson, C. K. (2012). Training parents to promote communication and social behavior in children with autism: The *Son-Rise* Program. Illinois: Evanston.
- Kanner, L. (1943). Autistic Disturbances of Affective Contact. *Nervous Child*, 2, 217-250.
- Kaufman, B. K. (2016). *Vencer o Autismo com o The Son-Rise Program*. Portugal: Papa-letras.
- Mesquita, V. S. & Campos, C. C. P. (2013). Método Son-Rise e o ensino de crianças autistas

in *Revista Lugares de Educação*, 3(7), 87-104.

Meu filho, meu mundo. (1979). Dir. Glenn Jordan. EUA.

Romski, M., Sevcik, R. A., Barton-Hulsey, A. & Whitmore, A.S. (2015). Early Intervention and AAC: What a Difference 30 Years Makes. *Augment Altern Commun*, 31(3),181-202.

Schmidt, C. & Bosa, C. (2003). A Investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. *Inter em Psicol.*, 7(2), 111-120.

Sherman, J., Barker, P., Lorimer, P., Swinson, R. & Factor, D. C. (1987). Treatment of autistic children: Relative effectiveness of residential, out-patient and home- based interventions. *Child Psychiatry and Human Development*, 19(2),109-125.

Tolezani, M. (2010). *Son-Rise* uma abordagem inovadora. *Revista Autismo: informação gerando ação*, 1(0), 8-10.

Williams, K. (2006). The *Son-Rise* Program intervention for autism: prerequisites for evaluation. *Autism*, 10(1), 86-102.

Apêndice A - Questionário

- 1) De que região do Brasil você é?
- 2) Como você conheceu o Método *Son-Rise*?
- 3) A partir da utilização deste Método, você observa benefícios/avanços no seu/sua filho/a) Na linguagem? () sim () não
Poderia dar um exemplo?
- b) Na interação social? () sim () não
Poderia dar um exemplo?
- c) Nos comportamentos? () sim () não
Poderia dar um exemplo?
Outros avanços não mencionados acima?
- 4) Quais as maiores dificuldades que você encontra/encontrou em aplicá-lo?
- 5) Qual a idade de sua criança hoje? E quando começou a utilizar o método?
- 6) Você recomendaria este método para outros pais de crianças autistas?
() sim () não Por quê?
- 7) A utilização do método alterou a rotina de vocês? Em que sentido?
- 8) Comente suas considerações sobre este método e os efeitos deste em sua vida e de seu/sua filho/a.
- 9) Você recebeu apoio dos profissionais que acompanham seu/sua filho/a, assim como de seus familiares, quando decidiu utilizar este método?
() sim () não
Poderia descrever um pouco essa situação?



UNIVATES

R. Avelino Tallini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil
CEP 95900.000 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000
www.univates.br | 0800 7 07 08 09